

Comunicação Intercultural

J. Roberto Whitaker Penteado

Nenhuma cultura sobrevive se tenta ser exclusiva. Mahatma Gandhi

Convida-me a SECNEB – Sociedade para o Estudo das Culturas – a participar de um encontro sobre a Criatividade como âmago das diversidades culturais, em Salvador, que também celebra os 90 anos de, Mestre Didi, uma grande figura da nossa cultura. Cabe-me, mais uma vez, o tema Comunicação.

Quem lida com marketing e comunicação tropeça pela vida a fora e – na verdade – nunca resolve, no pragmático, o enigma da comunicação entre os povos. O que de melhor o nosso mundinho produziu foi a frase *Pense globalmente, aja localmente*; de que, realmente, pouquíssimas pessoas são capazes. Na minha vida inteira, encontrei umas poucas dezenas e quase todas eram representantes de culturas minoritárias – como a nossa, brasileira. Norte-americanos, ingleses, franceses, etc. Os representantes do tradicionalmente chamado “primeiro mundo” têm pouca paciência para essas firulas e preferem uma outra frase da sabedoria tradicional: *manda quem pode e obedece quem tem juízo*.

Aliás, foi a contraposição entre essas duas situações da vida real corporativa que me fez evocar a antiga lenda de Eco e Narciso, que representam as duas posições extremas da ausência de comunicação: Narciso só percebe a si próprio; Eco é o seu cenário e a sua platéia. Quem não o (a) conhece, nas nossas multinacionais, na forma abominável do Yes-man – ou woman?

Preparar-me para o seminário, contudo, fez-me mergulhar numa extensa bibliografia sobre o assunto. Acreditem: é vasta, sobretudo lá, na matriz, nos US&A. (Experimente digitar *intercultural communication* no Google).

Existem praticamente tantas definições de cultura quanto existem diferentes culturas no planeta. Tomei emprestada de um dos livros uma definição prática: cultura é o conjunto de normas que torna possível o funcionamento de um grupo social. E a questão da comunicação entre diferentes culturas é tão antiga quanto a humanidade (e há quem diga que a história da humanidade foi escrita em função dos conflitos provocados pela falta desta mesma comunicação). Entretanto, a interdependência que hoje prevalece entre as nações do planeta faz com que uma comunicação mais eficaz entre os povos se torne, cada vez mais, uma condição de sobrevivência recíproca.

Claro que não caberia, no espaço de uma página, tudo o que aprendi. Mas posso listar as principais conclusões, que foram as três formas de lidar com a questão multicultural: (1) a adaptativa, em que se adotaria a atitude tradicional de, em Roma, agir como os romanos; (2) a separatista, em que se manteriam intactas as normas internas, respeitando apenas exteriormente as normas da cultura anfitriã; e, finalmente, uma proposta pelo professor do Wadsworth College, Richard Evanoff, (3) a integrativa, definida pela integração de normas éticas de várias culturas para resultar na criação de uma nova ética que regule as relações dos indivíduos em situações de interculturalidade. Isso daria origem a uma nova mentalidade, que se poderia chamar de inter-cultural ou multi-cultural.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=45&ID=475>>. **Acesso em:** 24 jul. 2009.